

RESENHA

ENTRE A VIRTUDE E O PECADO

ALBERTINA DE OLIVEIRA COSTA E CRISTINA BRUSCHINI (orgs.)

São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

Sedutoras ou seduzidas, poderosas ou submissas, imagens forjadas ou mulheres de carne e osso: damas honradas e desonradas; senhoras falantes e caladas; parteiras e bóias-frias; heroínas de romance e bruxas de narrativas populares; atrizes de cinema e mulatas de show; paulistas, cariocas, mineiras, catarinenses, pernambucanas, todas desfilam e brilham nesse eclético painel de figuras femininas *entre a virtude e o pecado*.

Trata-se de uma coletânea de nove textos, selecionados dentre os trabalhos financiados pelo V Concurso de Dotações para Pesquisa sobre a Mulher Brasileira, realizado pela Fundação Carlos Chagas com apoio financeiro da Fundação Ford. A marca registrada desses concursos, de ampla abertura temática e disciplinar, transparece claramente no mosaico que compõe esta que é a quinta coletânea publicada, de trabalhos resultantes de pesquisas financiadas por aquelas instituições. O recorte disciplinar da área de origem das autoras é ora histórico, ora sociológico, político ou antropológico, psicológico ou lingüístico. E a escolha temática recai, seja em figuras femininas concretas, de ontem e de hoje — mulheres casadas ou não, trabalhadoras rurais e urbanas — seja nas imagens de mulher, fabricadas por romancistas do século passado ou por profissionais da mídia, passada e presente, seja ainda na própria maneira de falar, diferenciada, feminina.

Em jogo está sempre o poder. E, quando falamos de gênero e poder, como é alvissareiro perceber, ao percorrer os textos, que já estamos longe da mera de-



ENTRE A VIRTUDE E O PECADO

orgs. Albertina de Oliveira Costa e Cristina Bruschini

núncia monolítica, maniqueísta, de um poder masculino opressor e onipresente, característico de certa fase inicial dos estudos no gênero.

O olhar e a análise agora são mais minuciosos, sutis, relacionais, fazendo emergir um quadro do qual não se pode dizer simplesmente que seja pessimista ou otimista, mas onde poder e poderes, masculinos e femininos, se entrelaçam.

A condição da mulher paulista do período colonial, assim esquadrihada, não se limita à de dois ou três estereótipos de esposa submissa, "tia" solteirona ou viúva pudica: o quadro esboçado por Eliana Goldschmidt permite entrever as várias formas como mulheres resistiam ao rígido controle pretendido pela Igreja Católica, juntavam-se a companheiros por elas escolhidos à revelia dos preceitos vigentes, faziam reverter o conceito de honra em oportunidade de dote, ou recorriam à própria justiça eclesiástica contra seus maridos faltosos, opondo nítidos limites ao poder masculino concedido por direito na relação conjugal.

Similarmente, examinando a violência na relação conjugal nos tempos atuais, deparamo-nos com uma imagem, não de cegos agressores e pobres vítimas, mas "de homens que são a um só tempo bons e maus", no dizer de Maria Ignez Moreira e colaboradoras. As autoras destilam, das falas de mulheres mineiras vítimas da violência de seus parceiros, a ambivalência "situada justamente no conflito ante a repulsa da agressão e a relação afetiva que mantêm com os agressores", retraçando a trajetória que percorrem, do isolamento à denúncia, de vítima a sujeito, escolhendo o enfrentamento ao silêncio.

Ainda no que concerne à distribuição de poderes entre homens e mulheres no dia-a-dia, o discurso dos habitantes da Lagoa da Conceição (SC) parece (como tantos outros) reconhecer apenas uma forma de poder e autoridade, a masculina. Mas, ao perscrutar seu imaginário — por uma de suas manifestações *sui generis*, a dos mitos sobre bruxas — Sonia Maluf revela a ambigüidade em relação à imagem da mulher: a figura da bruxa sugere conflito e medo, expressando um reconhecimento do "poder feminino sobre a vida e a morte", ou de poderes femininos subjacentes que efetivamente transparecem nas práticas cotidianas,

mas que "não aparecem conscientemente elaboradas" nos discursos.

É aliás no discurso, nas conversas, que se trava uma sutil batalha pelo poder, o da palavra e da vez. Num texto original, Judith Hoffnagel e Elisabeth Marcuschi analisam a fala espontânea de homens e mulheres, buscando pistas para um possível "estilo feminino" na interação verbal, apontando para características ambíguas na fala feminina, as quais seriam usadas "como recurso premonitório", como defesa ante o pressuposto da desigualdade em relação ao homem.

Resistência e ambigüidade também são a tônica das relações percebidas no mundo do trabalho. As comadres parteiras do século XIX (artigo de Maria Lúcia Mott) resistem em ceder terreno aos médicos e mantêm por muito tempo seu lugar à cabeceira das pacientes — apesar da imagem negativa que a literatura médica veicula sobre elas —, mas sua figura paradigmática, Mme. Durocher ("excepcional para seu tempo", segundo a autora) parece reconhecer e mesmo advogar a superioridade masculina nesse campo profissional.

As bóias-frias do interior paulista, por sua vez, sujeitas a inúmeras restrições e preceitos para "subir no caminhão e trabalhar no eito", também nos dão exemplos de resistência, que assume formas "das mais sutis e ardilosas às mais violentas", segundo Maria Aparecida Silva, deixando entrever um processo de lenta construção da identidade pelo enfrentamento.

Já para a mulata profissional, a do samba no pé, corpo-violão, cor "de mulata" e muita garra, o caminho para a afirmação da identidade profissional e eventual ascensão social "parece contido em limites estreitos", segundo Sonia Giacomini, que entrevistou as participantes de um curso para formação profissional de mulatas promovido por conhecida casa de espetáculos do Rio de Janeiro. Não sendo plenamente dançarina mas vivendo de dançar, implicada em práticas de sedução do homem branco, trabalhando "na noite"

mas não sendo prostituta, a mulata defronta-se permanentemente com estigmas que, contraditoriamente, "aceita, rejeita e deve apresentar/representar".

A essa representação de mulata, construída indiretamente a partir do olhar (e do desejo) masculino, somam-se ainda, nesta coletânea, outras imagens forjadas, de diferentes maneiras, no universo masculino. Ana Maria Magaldi investigou as figuras da dona-de-casa das camadas médias e dominantes no Rio de Janeiro, na virada do século XIX para o nosso, tal como expressas nos romances de Aluísio Azevedo e Machado de Assis. O primeiro, identificado com as noções de modernidade, progresso e ciência, parece ter contribuído "para a cristalização da subordinação da mulher e sua exclusão do espaço público", enquanto Machado, buscando o questionamento e a contradição, reservaria às personagens femininas um espaço de liberdade e influência.

É também através do olhar masculino — agora atrás das câmeras do cinema mudo brasileiro — que se recortam as poderosas imagens femininas "modernas" que influenciaram toda uma geração de mulheres. As estrelas do cinema mudo, das ingênuas às

moderninhas, passando pelas perigosas *vamps*, aparecem no artigo de Maria Fernanda Bicalho não só em todo seu "mistério, enigma, malícia, ironia, alegria, vício...", mas também desmistificadas pelo desmonte da política sistemática de estrelismo, promovida pelos redatores das revistas especializadas em cinema, numerosas e influentes nos anos 20. Debatendo-se entre a defesa do moralismo higienista e a promoção do poder de atração do sexo, as representações construídas pela narrativa do cinema mudo e pela crítica cinematográfica, segundo a autora, "transformam a mulher ao mesmo tempo em sujeito e objeto da sedução", projetando as atrizes-modelos numa simbiose de "redenção e pecado, néctar e veneno, céu e inferno".

Sugerindo uma analogia entre essas projeções e a ambigüidade multifacetada que parece imbuir o olhar atual sobre a imagem feminina, quero crer que esta coletânea partilha algo com nossas atrizes dos idos do modernismo: este é um livro que seduz.

Tina Amado